



KOINONIA

# MOSAICOS DA BÍBLIA

## 23-24

Resistência e Esperança:  
a nova Jerusalém em  
Apocalipse 21-22

JOSÉ ADRIANO FILHO

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento das atividades de Bíblia em Koinonia.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a publicação Mosaicos da Bíblia e Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

EDIÇÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

REVISÃO: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

DIAGRAMAÇÃO: Celso Reeks P. Padilha

São Paulo, julho a dezembro de 1996

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória  
22211-230 Rio de Janeiro RJ Brasil  
Tel.: (021) 224-6713  
Fax.: (021) 221-3016

Alameda Barros, 833 / 102 Santa Cecília  
01232-001 São Paulo - SP  
Tel./Fax.: (011) 67-9570

## SUMÁRIO

RESISTÊNCIA E ESPERANÇA:

A nova Jerusalém em  
Apocalipse 21-22

APRESENTAÇÃO	5
Texto e contexto literário	8
A NOVA JERUSALÉM: O CONTEÚDO DO TEXTO	12
A cidade, sua muralha e seus portões	12
As dimensões e os fundamentos da cidade	16
A santidade e a glória da cidade	20
A nova Jerusalém como paraíso	24
O significado da nova Jerusalém	26
Bibliografia	29

## APRESENTAÇÃO

Vi, então, um novo céu e uma nova terra. O primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu marido.  
(Apocalipse 21,1-2)

Na Bíblia é comum encontrarmos um modo de entender a história e a tradição, onde um acontecimento do passado é visto como algo que aponta para o futuro, sendo completado ou cumprido noutro acontecimento. Isso ocorre com o símbolo nova Jerusalém, o tema deste número do **Mosaicos da Bíblia**.

A nova Jerusalém, como esperança surge quando a Jerusalém histórica é destruída pelos babilônios. Nesse momento, o pensamento dirige-se para o futuro: a nova Jerusalém, num tempo distante, sem as fraquezas da cidade que fora destruída. Mais tarde, sob a influência da crise política e da dominação estrangeira, ressurgiu essa esperança, ganhando um novo significado e descrevendo uma nova realidade que Deus criaria num tempo além da história.

As imagens usadas para descrever a nova cidade, extraídas das tradições proféticas e da leitura apocalíptica, articulam a esperança das comunidades. São imagens marcadas pelo modo como as comunidades experimentam a realidade. Elas o fazem de forma tão agressiva, que é necessário uma interrupção do mundo e da própria história.

Espera-se o novo, que é algo onde elementos da nova criação perpassam a antiga. O antigo não é origem, mas contrapõe-se, e, do céu, criada novamente, vem a nova Jerusalém. Há uma substituição inesperada. Na nova Jerusalém tudo é novo, e especialmente nova é a relação entre Deus e a humanidade. Como aspecto culminante vitorioso do livro, a cidade indica uma nova ordem de realidade.

Para aqueles que estavam sendo oprimidos pela Babilônia, a visão oferece a esperança de uma cidade que governará como centro de um novo céu e uma nova terra. Apresenta também uma forma de resolver o caos experimentado pelas comunidades como resultado do conflito entre o que está acontecendo e o que deveria ser, e entre o seu próprio entendimento de como Deus protege os que são fiéis em suas experiências de opressão e de tensão interna. Isso lhes permitiria enfrentar a oposição externa causada pela prática do local do culto imperial, o conflito com a comunidade judaica não messiânica, bem como a tensão interna surgida da tentação em se acomodar à cultura dominante.

**Os editores**

# Resistência e Esperança: a nova Jerusalém em Apocalipse 21-22

José Adriano Filho

*Nossas visões, histórias e utopias não são  
somente estéticas. Elas nos engajam.  
(A.N.Wilder)*

6

O Apocalipse provoca diversas interpretações. Todas demonstram o fascínio exercido por esse livro nos mais diferentes grupos na história da igreja cristã. Isto gerou obscuridade e levou a interpretações literais desde Irineu, no século segundo d.C., até Hal Lindsey (“A Agonia do Grande Planeta Terra”). Além disso foi uma referência para os vários movimentos milenaristas e introduziu o sentido catastrófico do adjetivo “apocalíptico”. O aspecto aterrorizador da sua escatologia foi muito mais acentuado do que o promissor, servindo com isso para a formação do que Jean Délumeau chama de “o cristianismo do medo”.

Os leitores encontram dificuldades em sua leitura, principalmente porque as suas imagens não são familiares. É um livro rico em símbolos e visões (sonhos, êxtases, epifanias, viagens ao céu, discursos angélicos, diálogos com revelação). São imagens difíceis de serem ligadas a uma seqüência histórica específica de acontecimentos do passado e do presente, pois o livro não foi escrito para ser um mapa do futuro. Pelo contrário, estas imagens são melhor entendidas como expressões poéticas de experiências e esperanças humanas.

Entre as imagens que o livro apresenta, está a visão da nova Jerusalém, citada com bastante freqüência. Esta imagem traz múltiplas interpretações que refletem a sua popularidade. Por exemplo, ela sempre aparece nas cerimônias fúnebres, e é freqüentemente interpretada como a garantia da vida após a morte, mas sem nenhuma consideração para com a vida antes da morte. Entretanto, tal interpretação está muito longe da intenção original do livro, cuja preocupação maior era com a realidade presente da cidade santa.

Outras interpretações que partem dos sentimentos populares detêm-se quase que somente na beleza artística da descrição da cidade. Nestas, a visão é freqüentemente reduzida a um mero sentimentalismo que mais oculta do que estimula o desejo de lidar com o pensamento do livro, levando inclusive os leitores a ignorar a radicalidade da solução apocalíptica que, entre outras coisas, envolve as severas ameaças de exclusão da cidade daqueles que não participam da comunidade fiel (Apocalipse 21,8.27; 22,3.15).

Uma das razões da deficiência dessas interpretações está no fato delas não considerarem suficientemente a natureza da linguagem apocalíptica que descreve a nova Jerusalém e o seu rico uso de imagens simbólicas. Ora, símbolos são “equivalentes significativos de coisas que pertencem à uma outra ordem da realidade”. Não se referem ao que já é entendido, representam uma tentativa de “ampliar as fronteiras do conhecimento e captar a realidade das coisas, a natureza da vida, as coisas da própria existência”. Os símbolos pertencem à esfera subjetiva das coisas, resultando na “aquisição do significado experimentado emocionalmente”.

Na literatura apocalíptica encontramos também imagens míticas. O mito é símbolo em forma narrativa e provê um meio de superar as contradições entre “o que é o que deveria ser”. Ambos, mito e símbolo transcendem o tempo. Recontam histórias do passado que podem ser projetadas no futuro para iluminar à comunidade a sua presente experiência. O tempo final torna-se um com o tempo inicial. O mito e o símbolo aproximam a realidade significada e dão acesso ao transcendente, fazendo este acesso útil para toda a comunidade e não somente para um pequeno grupo.

A apocalíptica participa em sua natureza no símbolo e no mito. Sua natureza transcendental lhes permite transformar a si mesmos e acomodar novas experiências e mudanças no contexto da comunidade. Isso está presente na tradição bíblica, naquelas partes onde encontramos um modo de entender a história e a tradição em que alguém “vê um acontecimento no passado como algo que aponta para o futuro, sendo completado ou cumprido em outro acontecimento”. É o que ocorre com a nova Jerusalém. Ela simboliza uma nova ordem da realidade e não deve ser identificada com nenhuma forma histórica religiosa particular, já que representa um aspecto de um novo céu e uma nova terra, um mistério do qual poderíamos dizer “nunca presente” mas “já presente”.

Para apresentar a nova Jerusalém, o Apocalipse de João, de longe o mais rico livro da Bíblia em alusões a outras partes dela, faz uma reinterpretação criativa do material da tradição profética e apocalíptica, na qual está envolvida uma cuidadosa e profunda transformação da linguagem. Isso fica claro na apresentação do trabalho de João como profecia, especialmente como profecia escrita, nesta reinterpretação que transformou e redirecionou símbolos da tradição profética e da literatura apocalíptica.

Por essa razão, para compreendermos este texto precisamos perguntar pelo significado desses símbolos no contexto das tradições em que foram tirados e o que estas imagens dizem às comunidades do Apocalipse. Assim, neste estudo descreveremos em primeiro lugar o contexto da passagem e, em seguida, faremos uma leitura mais próxima do texto. Estudaremos as imagens em torno do símbolo da nova Jerusalém em seu uso bíblico, bem como na literatura apocalíptica. Desta maneira poderemos perceber como ocorreu a reinterpretação do material do Antigo Testamento e da literatura apocalíptica que transformou e redirecionou símbolos tradicionais, levantar o “porquê” de tais símbolos serem usados e entender o que eles dizem no contexto do Apocalipse de João.

## Texto e contexto literário

8 A seção sobre a nova Jerusalém inicia-se da mesma forma que a visão do julgamento da Babilônia (17,1; 21,9). “Um dos anjos, dos que têm as sete taças com as últimas pragas”, aproxima-se do vidente e o convida a ver “a noiva, a esposa do Cordeiro”, e a seguir descreve a cidade: a cidade resplandece a glória de Deus, tem como fundamento pedras preciosas e portas de pérola, não tem santuário, as nações e os reis da terra lhe trazem a sua honra e glória, o impuro e o que pratica abominação e mentira estão excluídos dela. A cidade é como o paraíso: nela está o rio da água da vida e a árvore da vida que produz frutos doze vezes ao ano. É também o trono de Deus e lugar de culto, onde os seus servos o servirão para sempre.

Vejamos o texto:

21,9 E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. 10 E conduziu-me em espírito a uma grande e alta montanha, e mostrou-me a santa cidade Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, 11 tendo a glória de Deus. O seu brilho é semelhante à uma pedra preciosíssima como jaspe cristalina, 12 tendo uma grande e alta muralha, doze portas, e sobre as portas doze anjos e nomes inscritos que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel: 13 três portas do lado leste, três portas do lado norte, três portas do lado sul e três portas do lado oeste. 14 A muralha da cidade tem doze fundamentos e sobre eles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15 Aquele que falava comigo tinha como medida uma vara de ouro, para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. 16 A cidade é quadrangular. O seu comprimento é tão grande como a largura. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. 17 Mediu a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, ou seja, de anjo. 18 O material da muralha é de jaspe e a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro puro. 19 Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas: o primeiro fundamento é jaspe, o segundo safira, o terceiro calcedônia, o quarto esmeralda, 20 o quinto sardônio, o sexto sárdio, o sétimo crisólito, o oitavo berilo, o nono topázio, o décimo crisópaso, o décimo-primeiro jacinto, o décimo segundo ametista. 21 As doze portas são doze pérolas e cada uma das portas era de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro como vidro transparente.

22 Nela não vi templo, pois o seu templo é Senhor Deus Todo Poderoso e o Cordeiro. 23 A cidade não precisa nem do sol nem da lua para iluminá-la, pois a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro. 24 As nações andarão mediante a sua luz e os reis da terra lhe trazem a sua glória. 25 As suas portas, de dia, jamais se fecharão, e ali não haverá noite, 26 e lhe trarão a glória e a honra das nações. 27 Nela jamais entrará qualquer impureza e o que pratica abominação e mentira, mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.

22,1 E mostrou-me o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. 2 No meio da sua praça, e de ambos os lados do rio,

estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações. 3 Ali não haverá jamais maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, os seus servos o servirão 4 e verão a sua face; e nas suas frentes estará o seu nome. 5 E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de luz de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumiará; e reinarão pelos séculos dos séculos.

6 E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. 7 Eis que cedo venho. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro. 8 Eu, João, sou o que ouvi e vi estas coisas. E quando as ouvi e vi, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava, para o adorar. 9 Mas ele me disse: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

Apocalipse 21,9-22,9 pertence ao bloco de 16,17-22,9, ou seja, a narrativa da sétima taça e consumação. Este bloco apresenta um desenvolvimento progressivo onde identificamos três seções:

1. A queda de Babilônia (16,17-19,10)
2. A batalha final e o julgamento universal (19,11-21,8)
3. A nova Jerusalém (21,9-22,9).

As seções 1 e 2 apresentam uma consumação negativa: o juízo de Deus sobre a Babilônia e todos os inimigos escatológicos. A terceira, decididamente positiva, indica o surgimento da nova Jerusalém.

A primeira seção liga-se à parte anterior do livro por meio da narrativa da sétima taça (16,17-21), que não só completa a série de taças iniciadas em 16,1, mas também fornece a proposta para a visão da Babilônia (Apocalipse 17-18).

Apocalipse 16,17-21, sendo a ligação entre Apocalipse 17-18 e os capítulos anteriores, junto a 14,8 não só introduz o tema principal dos capítulos 17-18, como também antecipa o seu vocabulário característico. Suas três maiores figuras, a besta, a mulher e a cidade já haviam aparecido antes no livro. A besta, inspirada em Daniel 7, figura importante em Apocalipse 17, aparece em 11,7, em contraste com as duas testemunhas, e no capítulo 13. A mulher do capítulo 17 não aparece de forma similar em nenhum outro lugar do livro, mas contrasta com a mulher do capítulo 12. A cidade, "Babilônia, a grande", ocupa todo o capítulo 18.

Em 17,1, a introdução de um dos anjos, dos que têm as taças, como o anjo intérprete, estabelece a continuidade entre a narrativa da série de taças e os capítulos da Babilônia. A introdução de um dos anjos, dos que têm as sete taças, como o guia de João para a nova Jerusalém (21,9), mantém essa continuidade, havendo um paralelismo próximo entre 17,1 e 21,9. Apocalipse 21,9 é idêntico à 17,1, mas a adição de "cheias das sete últimas pragas" reforça a sua ligação com o capítulo 16. Se

em 17,1 o assunto da visão anunciada pelo anjo é o “juízo da grande meretriz” e em 21,9 “a noiva, a esposa do Cordeiro”, um paralelismo antitético fica estabelecido entre as duas visões.

As duas visões, começando de forma semelhante, terminam também do mesmo modo (19,9-10 e 22,6-9). O fato da introdução e a conclusão de cada uma dessas visões se assemelharem, e da diferença entre elas ficar na identidade das figuras introduzidas, especifica o contorno do paralelismo antitético entre as duas seções. Duas figuras femininas são introduzidas: a prostituta e a noiva; duas cidades: Babilônia e nova Jerusalém; dois protagonistas: a besta e o Cordeiro. Em 17,14, a besta e os seus dez chifres lutam contra o Cordeiro e os seus eleitos, mas o Cordeiro sai vitorioso. Em 19,11-21, a derrota que o Cordeiro impõe aos seus antagonistas: Babilônia, besta, falso profeta e satanás, provêm a transição da visão da Babilônia para a visão da nova Jerusalém.

Desta forma, assim como 16,17-21 conclui a série de taças e introduz o que segue, 19,1-10 conclui os capítulos sobre a Babilônia e provê a transição para os capítulos que seguem. A motivação para louvar a Deus que julgou a grande meretriz na proclamação de 19,1b-2, relembra 16,7 e é apresentada de tal forma que recapitula Apocalipse 17-18. A menção de “prostituição” em 19,2 relembra 14,8; 17,2 e 18,3; “sangue” relembra 17,6 e 18,24; “fumaça” em 19,3 relembra 18,9.18 (a reação dos reis e marinheiros diante da fumaça que sobe das chamas da Babilônia); e a introdução do motivo nupcial está presente na visão da nova Jerusalém (19,6-9 e 21,9-10).

Apocalipse 19,11-21,8 complementa a seção anterior e tem a sua unidade estabelecida pela menção expressa de juízo. Os adversários escatológicos: a besta e o falso profeta (13), satanás (12,13-18), a morte e o *hades* (6,8) estão dispostos na ordem inversa do seu primeiro aparecimento no livro. A completa destruição destes adversários está associada ao fim dos homens maus, reis e outras hostes que se opõem (20,8-9b: o conjunto das nações chamada Gog e Magogue) e os pecadores (21,8). Em última instância, onde o juízo individual é suposto (20,11-15), a punição do ser humano está identificada com a destes adversários escatológicos maiores. O reino milenar, localizado em 20,4-6, representa uma vitória antes do fim, e a progressão interna desta parte do livro culmina com a criação de novos céus e nova terra.

Apocalipse 19,11-21,8 está relacionado à sétima taça pelo fato de que a Babilônia pertence ao esquema inverso de retribuição indicado acima para a besta, o falso profeta, a morte e o *hades*. O seu esquema de retribuição da Babilônia foi introduzido por último, mas ela foi destruída em primeiro lugar, por ser o pivô no esquema geral. A sua punição não está dissociada do juízo sobre os outros adversários escatológicos e a descrição do seu desaparecimento confirma a queda anunciada anteriormente (14,8; 18,1-24).

Babilônia, portanto, funciona como antítese para a nova Jerusalém. Conseqüentemente, a sua queda, descrita na esfera de ação da sétima taça e explicada em 17,1-19,10, está relacionada à 20,11-21,8. A sétima taça, apresentando o juízo, ficaria incompleta sem o seu tema correlativo de galardão, presente em



Apocalipse 20,11-21,8. Dessa forma, a narrativa da sétima taça deve ser vista juntamente com 19,11-21,8, particularmente com o que lhe contrasta, a nova criação (21,1-8).

Apocalipse 21,1-8 não só culmina e contrasta com os eventos escatológicos de 19,11-20,15, mas também liga-se à 21,9-22,9 em seu conteúdo e uso de imagens. Fala do novo céu e da nova terra, da nova Jerusalém que desce do céu da parte de Deus, como noiva adornada para o seu esposo. Uma voz do trono proclama que Deus está morando entre o seu povo e introduz a proposição da aliança. A aflição e o tormento não mais existem, as primeiras coisas passaram, a água da vida é oferecida ao sedento, os membros da cidade são descritos como vencedores, mas também são especificados os termos de exclusão da nova cidade. Apocalipse 22,1-5, por sua vez, descreve a cidade com a estrutura do paraíso: nela está o rio da água da vida e a árvore da vida que produz frutos doze vezes ao ano. É também o trono de Deus e lugar de culto, onde os seus servos o servirão para sempre. Como novo Éden tem caráter cósmico, como preexistente e ainda por vir transcende os limites temporais. Vindo de Deus elimina a separação entre o celestial e o terreno.

O esquema abaixo indica a oposição estrutural entre a Babilônia e a nova-Jerusalém:

<b>Babilônia</b>	<b>Nova Jerusalém</b>
Aproximação do anjo (17,1)	Aproximação do anjo (21,9)
Convite: Eu te mostrarei o julgamento da grande meretriz (17,1)	Convite: Eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro (21,9)
Transporte pelo anjo ao deserto (17,3)	Transporte pelo anjo a uma grande e alta montanha (21,10)
Lugar de demônios e espíritos imundos (18,2)	Morada de Deus. Nenhum profano entrará nela (21,3.22.27)
Os reis da terra saqueiam Babilônia (17,15-16)	Os reis da terra lhe trazem sua riqueza e honra (21,24.26)
Os não inscritos no livro da vida admiram a besta (17,8)	Os inscritos no livro da vida entram na nova Jerusalém (21,27)
As jóias e pedras preciosas da Babilônia são destruídas (17,4; 18,16-17)	A nova Jerusalém brilha como uma jóia com a glória de Deus e tem pedras preciosas como fundamento (21,19-20)
Babilônia está destinada à destruição (18,8)	Os santos reinam para sempre (22,5)
Mensageiros e mensagem (19,9-10)	Mensageiros e mensagem (22,6-9)

O julgamento da Babilônia e o advento da nova Jerusalém são centrais em Apocalipse 16-22. Este momento teológico decisivo é único, embora seja tematicamente

distinto. Pertencendo à esfera de ação da sétima taça, por um lado, apresenta um aspecto negativo na destruição da Babilônia, o qual assegura a eliminação de todos os inimigos escatológicos. Por outro, assinala o advento da nova criação, da nova Jerusalém. É neste duplo momento de julgamento destacado pelas revelações angélicas de Apocalipse 16-22 que devemos ler o lugar que a nova Jerusalém ocupa no livro do Apocalipse.

Por sua vez, os paralelos entre a seção da Babilônia e da nova Jerusalém mostram que o livro articula de forma consciente e consistente a oposição entre as duas cidades ao adotar introduções semelhantes, seqüências temáticas, padrões verbais e também conclusões semelhantes para as duas visões. Os dois principais *dramatis personae* do drama visionário que se desenrola no Apocalipse, ou seja, a prostituta-Babilônia e a noiva-nova Jerusalém, são apresentados a partir do gênero de contraposição de duas cidades (o Apocalipse de Elias [hebraico] apresenta o mesmo esquema). Da mesma forma que a substituição grega dos diferentes mundos na nova criação que substitui a antiga criação, esta narrativa de visão apocalíptica apresenta uma descrição da Jerusalém do final dos tempos.

Um outro aspecto que ainda precisamos destacar nesta parte refere-se ao fato de que podemos assinalar em nosso texto quatro partes principais. Assim, ele se divide da seguinte forma:

- 1- A cidade, sua muralha e seus portões (v.9-14)
- 2- As dimensões e os fundamentos da cidade (v.15-21)
- 3- A santidade e a glória da cidade (v.22-27)
- 4- A nova Jerusalém como paraíso (22,1-5). Apocalipse 22,6-9 encerra o texto da mesma que forma que 19,9-10 encerra a visão da Babilônia.

Faremos a uma leitura mais próxima do texto, procurando descobrir o que estas imagens dizem às comunidades do Apocalipse.

## A NOVA JERUSALÉM: O CONTEÚDO DO TEXTO

### A cidade, sua muralha e seus portões

O parágrafo de abertura do texto (v.9-14) destaca três feições essenciais da cidade: ela desce do céu e é a noiva, a esposa do Cordeiro, a cidade é cercada por uma grande muralha, e é apresentada como cumprimento da promessa de Deus a uma comunidade histórica específica.

Em primeiro lugar, a cidade surge de uma ação sobrenatural e é a noiva, a esposa do Cordeiro. Ela vem de Deus e está cheia da sua glória. Descendo do céu da parte de Deus, manifesta a sua presença como uma grande luz.

As imagens que comparam a cidade a “uma noiva adornada para o seu marido”, “a noiva, a esposa do Cordeiro”, são tiradas do casamento e ilustram os vários aspectos

do relacionamento entre Deus e o seu povo. Estas imagens originam-se nas tradições do profeta Isaías, nas passagens do seu livro em que a imagem do casamento apresenta o relacionamento entre Deus e o remanescente fiel simbolizado por Sião/Jerusalém e descreve a restauração da Jerusalém histórica no período pós-exílico:

*Levanta os teus olhos ao redor e olha; todos estes que se ajuntam vêm ter contigo. Vivo eu, diz o Senhor, que de todos estes te vestirás, como dum ornamento, e te cingirás deles como a noiva' ( 49,18)*

*Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegrará no meu Deus, porque me vestiu de vestes de salvação, cobriu-me com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias (61,10).*

No período do segundo templo, sob a influência da crise política e dominação estrangeira, a esperança da nova Jerusalém renasceu. Um texto da época de Macabeus afirma que Deus removerá a antiga cidade e criará uma nova Jerusalém:

*Levantei-me para ver até que ele recolheu a velha casa. Todos os pilares, vigas e ornamentos foram tirados, recolhidos juntos com ela; foram tirados e lançados em um lugar ao sul da terra. Vi que o dono das ovelhas trouxe a casa nova, mais alta e maior que a primeira e a colocou no lugar da que havia sido recolhida. Todas as suas colunas e ornamentos eram novos e maiores que os da antiga que havia sido tirada, e o dono das ovelhas estava dentro (1 Enoque 90,28-29).*

Em outros textos a cidade é chamada noiva, mas é também vista como esposa e mãe:

*Ela me disse: a tua serva era estéril e não tinha filhos, todavia eu vivia com o meu marido há trinta anos. E cada hora e cada dia durante estes trinta anos implorei ao Altíssimo noite e dia. Depois destes trinta anos Deus ouviu sua serva, olhou para a minha condição, considerou a minha angústia e me deu um filho. Eu regozijei grandemente nele. Meu marido e todos os meus vizinhos deram grande glória ao Todo Poderoso. Eu o eduquei com muito cuidado. Então, quando ele cresceu, eu não economizei esforços para conseguir para ele uma esposa, e fiz uma festa de casamento (4 Esdras 9,43-47).*

*E eu disse: Ah Senhor, meu Senhor, tenho eu entretanto vindo ao mundo para ver as coisas más de minha mãe? Não, meu Senhor. Se encontro graça em seus olhos, afasta o meu primeiro espírito para que eu possa ir a meus pais e não veja a destruição de minha mãe. De dois lados estou duramente pressionado: não posso resistir-te, mas também a minha alma não pode ver a desgraça da minha mãe (2 Apocalipse Baruque 3,13).*

A perspectiva escatológica e o símbolo coletivo, presentes nestes textos, que descrevem a restauração da Jerusalém histórica no período pós-exílico ajudam a explicar o uso de Isaías como o modelo para a lembrança da noiva nova Jerusalém no Apocalipse de João. O uso do material de Isaías bem como da literatura apocalíptica são uma indicação de que temos uma apresentação da qualidade do relacionamento entre Deus e a comunidade tanto na ordem histórica quanto escatológica. Nestes textos a

imagem da mulher simboliza amor e intimidade, a sua designação como noiva evoca a noção de início e ardor, e a referência a Jerusalém como esposa sugere fidelidade permanente e fecundidade. Eles descrevem a beleza da cidade e a intimidade e unidade do relacionamento entre Deus e os redimidos na era apocalíptica. Trata-se de um relacionamento entre Deus e a cidade que já começou na comunidade histórica, um relacionamento não centralizado em uma nação somente, mas entre Deus e a comunidade que se define por meio da sua fé no Cordeiro:

*Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesmo se ataviou, pois lhe foi dado vestir de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos (19,7-8)*

*Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele os mil anos (20,6)*

*O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida (22,17).*

Num segundo momento, o parágrafo descreve uma “grande muralha” que cerca a cidade. Trata-se de uma muralha que provê segurança plena para os seus moradores e uma firme exclusão dos inimigos:

*Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas nos teus termos; mas aos teus muros chamarás Salvação, e às tuas portas Louvor (Isaías 60,18).*

É interessante também observar que a descrição da muralha e dos portões da cidade segue principalmente o modelo encontrado da cidade do livro de Ezequiel:

*São estas as saídas da cidade: da banda do norte, que mede quatro mil e quinhentos côvados, três portas: a porta de Rúben, a de Judá e a de Levi, tomando as portas da cidade os nomes das tribos de Israel; da banda do oriente, quatro mil e quinhentos côvados, e três portas, a saber: a porta de José, a de Benjamin e a de Dã; da banda do sul, quatro mil e quinhentos côvados, e três portas: a porta de Simeão, a de Issacar e a de Zebulon; da banda do ocidente, quatro mil e quinhentos côvados, e as suas três portas: a porta de Gade, a de Aser e a de Naftali. Dezoito mil côvados em redor; e o nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor está ali (48,30-35).*

Como a cidade da visão de Ezequiel, a nova Jerusalém tem doze portões, três de cada lado, e corresponde às doze tribos dos filhos de Israel. A única diferença é que Ezequiel considerou os portões como saídas por onde as tribos saíam para as suas terras. O Apocalipse, entretanto, fala dos portões como entradas que estão abertas às nações das terras:

*As suas portas, de dia, jamais se fecharão, e ali não haverá noite, e lhe trarão a glória e a honra das nações (Apocalipse 21,25-26).*

Várias tentativas têm sido feitas no sentido de relacionar os portões da cidade com os doze signos do zodíaco, os portais por meio dos quais o sol, a lua e os planetas

entram no seu curso diário. Não há dúvidas de que grupos judeus e cristãos deste período estavam familiarizados com o saber astrológico tanto quanto os seus vizinhos. Assim como muitos grupos judeus, o vidente do Apocalipse estava familiarizado com as doze divisões dos céus, as quais na religião astrológica dos babilônios estavam sob a autoridade de doze deuses. O vidente de 1 Enoque 72-82, certamente com intenções polêmicas com os astrólogos, produziu um calendário com um ano de 364 dias, baseando-se nos doze portões celestiais, totalmente independentes do zodíaco. Em sua longa descrição do fenômeno dos céus as doze divisões do zodíaco são substituídas por doze portais, seis no leste e seis no oeste. 1 Enoque 33-36 descreve os doze portões do céu, três em cada ponto da sua circunferência, e acima do oriente havia pequenos portais através dos quais “as estrelas do céu fazem seu curso para o oeste”.

Parece que o autor do Apocalipse estava consciente dessas possibilidades astrológicas e, como o autor de 1 Enoque 72-82, deliberadamente dirige o seu ataque contra elas. Isso porque, em primeiro lugar, está a ordem em que apresenta os portões: leste, norte, sul, oeste. É verdade que para isto também João tinha um precedente em Ezequiel 42,16-19; mas por que além dos muitos precedentes do Antigo Testamento ele escolheu o mais irregular? Esta ordem não seria seguida por alguém que estivesse interessado no ciclo do zodíaco, mas foi escolhida para desencorajar esse tipo de interesse em seus leitores. Em segundo lugar, se João colocou as doze pedras preciosas sabendo que relacionavam-se com o zodíaco, bem como com as doze tribos (Êxodo 28,17-18; 39,10-14), deliberadamente rompeu com esta associação ao transformá-las em fundamento com os nomes dos doze apóstolos, apresentado-as numa ordem exatamente inversa àquela usada na astrologia. Ele não se interessa por esse tipo de especulação, e menos ainda admite a idéia de doze deuses governando os céus. Um Deus somente é o soberano Senhor do universo, e sujeitou todo governo, autoridade e poder ao Cristo redentor. Entretanto, reconhece que o Senhor delegou autoridade à poderes espirituais criados, no céu e na terra, já que declara que os doze portões são doze anjos.

Finalmente, a cidade santa é apresentada como cumprimento da promessa de Deus a uma comunidade histórica específica. Não é anônima, mas tem um nome: Jerusalém. Seus portões têm os nomes das doze tribos dos filhos de Israel e os seus fundamentos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Patriarcas, profetas e apóstolos são definitivos e as suas muitas histórias entrelaçam-se numa única história, a história da cidade de Deus. Uma medida da continuidade desta história encontra-se no fato de ser a visão da nova Jerusalém formada a partir da visão de Ezequiel (48,30-35), sendo que em ambas o sentido da cidade é dado pela frase “O Senhor está lá”.

Devemos considerar também que a adição dos doze apóstolos e das doze tribos, como já mostrado, não tem um plano astrológico. A cidade tem sobre as portas os anjos e os nomes das doze tribos de Israel e a muralha tem doze fundamentos que são os doze apóstolos do Cordeiro (Mateus 9,28; Testamento Judá 25,1; Efésios 2,20; Hebreus 11,10). Este número que aponta para as pedras da fundação da cidade não só se ajusta ao seu lugar de destaque na visão, denotando a totalidade da subestrutura da muralha, mas também foi escolhido por referir-se aos doze apóstolos como aqueles

que lançaram os fundamentos da igreja: a cidade está construída sobre o fundamento dos apóstolos, a revelação de Deus da qual eles foram testemunhas oculares e fiadores.

O número doze é repetido insistentemente:

*A muralha da cidade tem doze fundamentos e sobre eles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (v.14).*

O fato do muro estar construído sobre os fundamentos dos doze apóstolos supõe, por um lado, uma novidade de ordem literária e teológica que rompe os planos habituais de construção e mentalidade. A cidade está fundamentada sobre os doze apóstolos, cujos nomes não estão indicados. Interessa constatar o grupo, não os seus componentes. Trata-se do grupo apostólico que se revela homogêneo e compacto; unido. Àquele que lhe dá coesão: o Cordeiro. Os doze são os que sustentam o testemunho de Jesus Cristo e, portanto, é aqui usado em seu sentido oficial, designando o corpo apostólico como um todo e atribuindo aos apóstolos uma importância fundamental (Mateus 16,17-18; 1 Coríntios 12,18; Efésios 2,20).

Por outro lado, supõe que a comunidade escatológica é vista em continuidade com a comunidade apostólica: não há ruptura, mas desenvolvimento e transcendência. A cidade eterna tem fundamento divino. É necessário recapitular um pouco mais o número doze. A cidade tem doze portas, doze anjos, os nomes escritos das doze tribos. Mais tarde fala sobre as medidas da cidade: tem três dimensões que são múltiplos de doze. Sua largura, comprimento e altura são de doze mil estádios e o seu muro possui uma extensão de 144 mil côvados. São referências simbólicas, e como tais devem ser entendidas e decifradas. A cidade está construída com 12 portas (as doze tribos dos filhos de Israel) e com doze fundamentos (os doze apóstolos do Cordeiro). Decodificando estes símbolos, vemos que se trata de uma igreja escatológica.

Este parágrafo compara também a cidade a uma jóia preciosa "como jaspe claro como cristal", o que lembra a visão do trono, onde o que senta no trono é comparado à jaspe e à sardis (Apocalipse 4,3; 18,1; 21,11.23). A luz que inunda a cidade santa é semelhante à que brilha através da auréola que circunda o trono de Deus (Apocalipse 4,3). Além disso é dito que a glória de Deus é que dá luz à cidade (21,23; 1 Esdras 8,79). A cidade santa, portanto, assemelha-se ao trono de Deus. A continuação da descrição da cidade envolve as suas dimensões e fundamentos.

### **As dimensões e os fundamentos da cidade**

Apocalipse 21,15-21 descreve outras características importantes da cidade santa: as suas dimensões e fundamentos. A cidade, cuja extensão excede a imaginação humana, pode ser medida somente com uma vara de ouro, um instrumento humano (um profeta a usa) e angélico (dado ao profeta pelo anjo - 11,1; 21,15).

Como a cidade da esperança de Ezequiel (Ezequiel 40; 45,2; 48,20), a nova Jerusalém é quadrangular:

*A cidade é quadrangular. O seu comprimento é tão grande como a largura. E*

mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. Mediu a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, ou seja, de anjo (Apocalipse 21,16-17).

Cada lado da cidade tem doze mil estádios. As muralhas da cidade também são descritas tendo cento e quarenta e quatro cúbitos. Em Ezequiel, que é seguido de perto na presente visão, a espessura da muralha é medida (Ezequiel 40,5; 42,20), mas aqui João se refere à medida da espessura como “medida de homem” (Ezequiel 9,2; Daniel 8,15-16; 10,5; 12,7). A expressão “medida de homem” está em oposição à cláusula precedente e a medida aqui é realizada por um anjo, mas o autor quer que seus leitores entendam que as dimensões dadas nestas figuras prodigiosas são determinadas pelos padrões usados entre os seres humanos: as medidas de homens e de anjos são as mesmas.

Estas medidas destacam a grandeza da cidade. Não podemos esquecer de que os sonhos rabínicos acerca da Jerusalém recriada eram bastante grandes. Dizia-se que a nova Jerusalém se estenderia de Damasco até ao limite sul da Palestina, cobrindo toda a terra santa. Essa magnitude implica em simbolismo. Não se trata somente da representação de uma dimensão inimaginável, mas trata-se do fato de que na nova Jerusalém há lugar para todos. A grande altura da cidade, na linguagem simbólica do vidente, indica provavelmente a combinação do céu e da terra no novo mundo e as suas representações indicam que a cidade de Deus e do Cordeiro se estenderá sobre os territórios de todos os povos.

A extensão das muralhas da cidade dos últimos dias é também predita em outro texto:

*Mas quando a Pérsia se veja longe da guerra, a peste, o lamento, então, nesse dia, surgirá a raça divina e celestial dos judeus bem-aventurados, os quais habitam a cidade de Deus terra adentro, até que, depois de circundar Jope como se fosse um grande muro, elevem-se às alturas até as sombrias nuvens. A trombeta já não emitirá o seu som de fragor guerreiro, nem tampouco perecerão entre as enlouquecidas mãos inimigas, mas ficarão de pé para a eternidade os troféus da vitória sobre os maus (Oráculos Sibilinos 5,247-255).*

Por sua vez, a descrição da altura da cidade indica que ela tem forma cúbica, o que expressa perfeita simetria. Na Antigüidade era freqüente a construção das cidades em forma quadrangular, mas a cidade santa não tem somente esta forma, é, além disso, cúbica. A sua altura é idêntica à altura e comprimento. Isto é muito significativo, já que no mundo antigo o cubo era o símbolo da perfeição. Tanto Platão (*Protágoras* 339 B) quanto Aristóteles observam que na Grécia se chamavam cúbicos aos homens perfeitos (*Ética a Nicomaco* 1.10.11; *Retórica* 3.11). Este conceito deve ter sido mais incisivo para João do que para os seus contemporâneos judeus particularistas. Ele, sem hesitar, descreveu a cidade de Deus com idéias que referiam-se à cidade das estrelas que era amada pelos astrólogos dos seus dias, os quais acreditavam que a base da abóboda dos céus era igual em comprimento e largura, ou seja, de forma quadrangular.

Os v.18-21 descrevem os materiais preciosos utilizados na construção da cidade. A muralha é de jaspe e a própria cidade de ouro puro semelhante a vidro puro, o qual denota sua pureza e a brilhante radiação de sua luz e indica que a cidade está coberta completamente com a luz da glória de Deus (Isaías 54,11 Apocalipse 4,3) e a estrutura de jaspe adornada com doze pedras preciosas.

Neste ponto encontramos também sugestões de que as pedras preciosas de Apocalipse 21 possam representar os signos do zodíaco, dispostos em ordem inversa àquela seguida pelo sol ao atravessar o zodíaco, indicando, assim, que o cristianismo e a nova Jerusalém se opõem às religiões de adoração do sol. Nos doze signos do zodíaco havia pedras preciosas, começando com a ametista e terminando com o jaspe. João inverteu esta ordem com o objetivo de atacar a astrologia. Neste sentido, o Apocalipse estaria declarando que a realidade que corresponde à imperfeita visão dos astrólogos deve ser encontrada na cidade de Deus e do Cordeiro. Se algum dos leitores sabia que os babilônios modelavam seus templos/torres a partir de tal concepção, esta mensagem seria também importante para eles: o santo templo da terra e céu é a morada de Deus e do Cordeiro.

Entretanto, a descrição das pedras preciosas que adornam a fundação da cidade e do que elas consistiam foi inicialmente inspirado nas tradições do profeta Isaías:

*Ó tu aflita, arrojada com a tormenta e desconsolada! Eis que eu assentarei as tuas pedras com argamassa colorida, e te fundarei sobre safiras. Farei os teus baluartes de rubis, as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas (54,11-12).*

A muralha destaca-se como a principal feição arquitetônica da cidade e é mencionada não menos que seis vezes (21,12.14-15.17-19). As pedras preciosas são apresentadas numa ordem diferente daquela de Isaías e os doze fundamentos da muralha correspondem às pedras que estavam colocadas no peitoral do sumo sacerdote (Êxodo 28,15-29).

Apocalipse 21,21 afirma que as doze portas são doze pérolas, sendo cada porta de “uma só pérola”. Por isso, retorna agora aos portões (Isaías 54,11-12) e usa *’eqdah* (carbúnculo), palavra que não ocorre em nenhum outro lugar para designar pérola. É interessante perceber que pelo menos um dos rabinos concorda com ele. De acordo com o *Talmud*, o Rabino Johanan, do terceiro século, disse a um discípulo que Deus faria de pérolas os portões de Jerusalém. Estes mediriam trinta cúbitos por trinta, e neles seria aberto um caminho de dez cúbitos de largura por vinte de altura (*Baba B. 75<sup>a</sup>; San 1009*): “O Targum Samaritano sobre Êxodo 28,17-20; 30,10-13 (com data do período romano) indica que as pedras do peitoral do sumo sacerdote apresentavam três variações de quatro cores básicas: vermelho, vermelho brilhante, vermelho intenso; e assim também com o preto, o verde e o branco. Filo (*Vit Mos 2,122-135*) considera que as pedras preciosas do peitoral do sumo sacerdote são símbolos dos meses do ano, ou dos sinais do zodíaco. Josefo (*Ant 3,166-17*); *Guerra. 5,233-235*) também associa as pedras com o zodíaco (embora enumere-as de forma diferente nos dois escritos). Clemente de Alexandria (*Stromata 5,38.4*) faz assim também. A *Mishna* associa



as doze tribos com as doze constelações (*Berakoth* 32b). A arquitetura da cidade dos deuses, segundo a mitologia babilônica, era marcada por símbolos cósmicos. A cidade apoiava-se em quatro colunas cobertas por jóias (estrelas), tinha doze pedras fundamentais, doze portas (símbolos do zodíaco) e era atravessada por uma rua de ouro (a Galáxia)” (Hillyer, N., “Pedras preciosas no Apocalipse”. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, volume III, São Paulo, Editora Vida Nova, 1985, p.510-511).

Não podemos esquecer ainda que em seu presente contexto no Apocalipse as doze pedras preciosas que encontramos em Apocalipse 21,18-21 na descrição da Nova Jerusalém estão em franco contraste com as jóias que adornam a prostituta:

*Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo nas mãos um cálice de ouro transbordante de abominações e com as impurezas da sua prostituição (17,4); e os mercadores da terra choram e lamentam sobre ela porque ninguém mais compra a sua mercadoria, mercadoria de ouro e de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho e púrpura, de seda, de escarlata, toda madeira odorífera, todo vaso de marfim, todo vaso de madeira preciosa, de bronze, de ferro, de mármore, cinamomo, amono, perfumes, unguento, incenso, vinho, azeite, farinha finíssima e trigo, animal de carga e ovelhas, cavalos e carros, escravos e vidas humanas (18,11-13); Ai, ai, a grande cidade vestida de linho, púrpura e escarlata adornada de ouro, pedras preciosas (18,16)*

O fato das feições arquitetônicas da nova Jerusalém serem construídas com os mesmos materiais que ornamentam a prostituta, solidifica e fortalece a identificação feita em 17,5.18 da prostituta como Babilônia a grande (17,5), com a grande cidade (17,18), e a repetição das pedras preciosas em Apocalipse 21,18-21 destaca o contraste entre as duas cidades - Babilônia e Nova Jerusalém - ao descrever a joalheria de uma e a arquitetura da outra em termos semelhantes. Destaca-se também o fato da ostentação da prostituta contrastar com a pureza da noiva do Cordeiro (19,8). A cidade de Deus do fim dos tempos é diametralmente oposta à cidade que governa o mundo presente. Esta polaridade corresponde acentuadamente ao contraste assinalado nas *Antigüidades Bíblicas* (Pseudo Filo) entre as sete jóias contaminadas pelo ídolos amoritas (25,10-12; 26,2-9) e a localização das doze gemas depositadas na arca da aliança (26,4; 8,15), trabalhos nos quais o motivo da jóia sublinha a diferença entre a corrupção deste mundo e a permanente incorruptibilidade da promessa divina. Estas expressões paralelas no *Pseudo Filo* indicam que as pedras do Apocalipse não devem ser desescatologizadas e relegadas à simples expressão de luxúria e pompa. Assim, para aqueles cristãos oprimidos por um poder mundial corrupto e orgulhoso que quer usurpar o lugar de Deus, as jóias são emblemas que sustentam a esperança na vitória de Deus.

Concluindo esta parte, podemos afirmar que as imagens contidas neste parágrafo descrevem a muralha, as ruas de ouro e os fundamentos da cidade, indicando o seu caráter transcendente. Se no primeiro parágrafo da visão detectamos o desejo de enfatizar a continuidade entre a chamada de Deus aos patriarcas e apóstolos e a cidade, no segundo encontramos o desejo de acentuar a glória de Deus que transcende incorporações históricas particulares. As pedras da fundação da cidade, inscritas com

os nomes dos apóstolos, constituem a base da nova cidade para as tribos israelitas. O novo povo de Deus compreende o antigo Israel, mas ele também transcende toda a exclusividade étnica. O novo mundo não se fundamenta sobre os primeiros patriarcas, mas sobre as primeiras testemunhas de Cristo, os apóstolos/jóias, a fonte de luz e o sinal característico do escaton.

### **A santidade e a glória da cidade**

20

No terceiro parágrafo (v.21-27) encontramos três declarações simbólicas: não há templo na cidade, ela não necessita dos meios comuns de iluminação, todos os reis e nações trazem sua glória à cidade.

Em primeiro lugar, não há templo na nova Jerusalém porque Deus e o Cordeiro são o seu templo, a luz por meio da qual as nações e reis andam. No início do capítulo 21 a cidade é identificada com o templo, na referência que a indica como habitação de Deus com o povo:

*Então ouvi uma grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles (21,3).*

A forma como a cidade é apresentada em toda a seção não deixa dúvidas da sua total identificação com o templo apocalíptico. Por exemplo, a sua forma é cúbica (21,6), lembrando o santo dos santos do templo de Salomão (1 Reis 6,20), bem como a forma do templo de Ezequiel (Ezequiel 41,21; 43,16; 45,1; 48,20). A sua natureza cültica é ilustrada pelas pedras que ornamentam as suas fundações, assim como cada um dos doze fundamentos traz o nome de um dos apóstolos como patriarcas da nova cidade (21,14).

Da mesma forma, uma comparação entre a cidade de Apocalipse 21,9-27 e a de Ezequiel 40-48 ilustra a identificação da nova Jerusalém com o templo. As diferenças estão somente na ordem de apresentação, pois as duas visões apresentam o transporte do vidente a uma grande montanha de onde a cidade é vista (Ezequiel 40,2; Apocalipse 21,10), as cidades e as suas medidas, a glória de Deus enchendo o templo (43,2-5; Apocalipse 21,23; 22,5), palavras de advertência (Ezequiel 44,6-14; Apocalipse 21,8.27) e o uso da imagem do paraíso (Ezequiel 47,1-12; Apocalipse 22,1-5). A diferença está apenas no fato de que, na visão de Ezequiel, todos os israelitas infiéis são excluídos do templo, enquanto no Apocalipse todos são admitidos, exceto os que cometem as infrações assinaladas em 21,8.27. Estar inscrito no livro da vida do Cordeiro determina a inclusão e exclusão da cidade. Ele é juiz. E em todos estes papéis, naturalmente, compartilha o trabalho do Deus todo poderoso.

Na perspectiva escatológica do livro, a cidade e o templo estão totalmente revestidos da glória de Deus (21,23.25; 22,5). Esta descrição está próxima das tradições das Escrituras Hebraicas que descrevem a nova Jerusalém como templo, aproximando-se de certos textos de Qumran, nos quais a linguagem do templo designa toda a comunidade escatológica (1Q588-9).

Neste sentido, a descida da cidade do céu e as imagens usadas em toda essa parte identificam a nova Jerusalém com o templo apocalíptico e indicam que as instituições religiosas se tornaram obsoletas.

Em segundo lugar, a cidade não precisa do sol ou da lua. A noite como um símbolo de cegueira, perdição, escuridão e morte foi substituída pelo dia do Senhor, com a sua riqueza simbólica correspondente: o dia é a nova criação do dia primeiro, quando Deus criou a luz, a luz da sua presença. A presença de Deus e do Cordeiro indica a ausência de um templo na cidade e a sua independência de todos os meios comuns de iluminação. Para a antiga sinagoga a futura Jerusalém sem um templo era inconcebível (Marcos 13,2; 14,58; João 2,21). A construção do santuário era o elemento que mais evidenciava a antiga esperança judaica do futuro. Conscientemente ou não, João o profeta está na linha direta do simbolismo quando ele diz que o templo da nova Jerusalém é o Senhor todo poderoso e o Cordeiro, transferindo todas as características do templo para a cidade. Tudo é sagrado, a glória enche a cidade inteira (Ezequiel 10-11; 43,1-7) e Deus por toda parte é acessível ao povo sacerdotal. Não é necessário templo pois a presença de Deus e do Cordeiro transforma cada lugar onde eles estão num santuário e toda a nova Jerusalém está cheia da sua presença. A esfera do sagrado expande e inclui tudo o que pode ser oferecido a Deus, e tudo o que é impróprio está para sempre excluído (Isaías 60,19-20). Ainda, a presença de Deus permeando toda a cidade dispensa a luz criada, pois “a glória de Deus brilha sobre ela e sua lâmpada é o Cordeiro” (Apocalipse 21,23).

Toda a cidade está santificada por causa da presença de Deus. Não há limites definidos para pessoas privilegiadas, devido à sua casta ou ofício, nem para tempos determinados, como o sábado, por exemplo. O templo da cidade, como anteriormente, não está reservado ao sumo-sacerdote, onde só ele podia ter acesso ao Santos dos Santos. As muralhas sacras da separação ritual foram derrubadas. Trata-se de uma nova realidade: os muros foram derrubados. Temos uma construção totalmente nova. Instaura-se por fim, uma cidade santa, toda ela sacerdotal, completamente aberta, povoada pela universalidade da humanidade resgatada e habitada pela glória permanente de Deus e do Cordeiro.

Este rico simbolismo adquire uma conotação interessante: é uma cidade completamente sacerdotal, inundada pela luz brilhante de Deus, firmemente apoiada na mensagem dos apóstolos do Cordeiro. A cidade não precisa da luz do sol - um símbolo da paz utilizado com frequência pelo profeta Isaías para indicar a presença de Deus: *Não te servirá mais o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te alumiará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória* (60,19).

Entretanto, o Apocalipse radicaliza esta expectativa. Há uma substituição e uma transformação inesperada: em lugar de um templo material temos a presença viva de Deus e do Cordeiro. Na nova Jerusalém tudo é novo, e especialmente nova é a relação entre Deus e a humanidade. Esta tem a vida sustentada pela presença de Deus e do Cordeiro. A presença de Deus e do Cordeiro, que ilumina e transfigura as relações entre os seres humanos, é o suporte necessário para a instauração de uma sociedade de seres humanos renovados:

*Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro. A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada (21,22-23).*

Esta afirmação está em continuidade com a lógica anterior que falava do templo. Agora se insiste na simbologia da luz: sol, lua, alumiar, glória, iluminar, lâmpada. A cidade aparece como o lugar da luz. O texto quer insistir na presença imediata de Deus e do Cordeiro:

*Pois em ti está o manancial da vida: na tua luz vemos a luz. continua a tua benignidade aos que te conhecem e a tua justiça aos retos de coração (Salmo 36,9-10).*

Finalmente, os versos finais do parágrafo falam sobre a função centrífuga da nova Jerusalém: ela irradia luz e na sua luz as nações começam a andar. E sua função centrípeta: os reis da terra levam a ela a sua glória. Temos aqui uma indicação da relevância da cidade para todas as instituições sociais e políticas de todos os tempos e lugares.

Contra o costume de fechar as portas da cidade à noite, estabelece-se um uso contrário:

*As sua portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite (21,25).*

É uma cidade de portas sempre abertas, o que contrasta abertamente com a Babilônia, a cidade para onde confluíam as riquezas do mundo e onde a idolatria do mundo inteiro se manifestava com a mais insuportável luxúria, cuja estrutura de poder submetia muitos povos ao seu poderio econômico do qual se sustentava, mas que chegou ao fim por causa do juízo escatológico de Deus.

Sublinha-se fortemente a faceta sempre grata da universalidade, a abertura às nações, mas também a atitude delas em relação a Deus em seu reino. Essa descrição é influenciada diretamente pelo profeta Isaías:

*Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes se ajuntam e vêm ter contigo; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são trazidas nos braços. Então o verás e serás radiante de alegria; o teu coração estremecerá e se dilatará de júbilo, porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas das nações virão a ter contigo. A multidão de camelos te cobrirá, os dromedários de Midiã e de Efá; todos virão de Sabá; trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor. Todas as ovelhas de Quedar se reunirão junto a ti; servir-te-ão os carneiros de Nebaiote: para o meu agrado subirão ao meu altar, e eu tornarei mais gloriosa a casa da minha glória. Quem são estes que vêm voando como nuvens, e como pombas ao seu pombal? Certamente as terras do mar me aguardarão; virão primeiro os navios de Társis para trazerem teus filhos de longe, e com eles a sua prata e o seu ouro, para a santificação do nome do Senhor, teu Deus, e do Santo de Israel, porque ele te glorificou. Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; porque no meu furor te castiguei, mas na minha graça tive misericórdia de ti. As tuas portas estarão abertas de contínuo; nem de dia nem de noite se fecharão, para que te sejam trazidas riquezas das nações, e, conduzidos com*

elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem, perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas (Isaías 60,4-11).

Embora o pensamento de Isaías seja dominante na construção desta parte da visão, encontramos também uma diferença em relação a ele. Em Isaías as nações vêm a Jerusalém, principalmente para oferecer tributo a Israel em sua restauração do exílio. Elas trazem tributo a Israel e as que não o fizeram, perecerão (Isaías 65-66; 1 Enoque 10,21; Testamento de Levi 18,9; Salmos de Salomão 17,32). Já na visão do Apocalipse este pensamento não está presente. Quando “os reis da terra lhe trazem a sua glória”, o fazem para a glória de Deus e do Cordeiro. Isso é de grande importância na visão da nova Jerusalém. As visões anteriores do livro apresentaram as nações (os que habitam a terra: 13,14; 17,2.8; 18,3) enganadas pelo mal e subservientes ao anticristo, e os reis da terra como vassalos do império e do governador anticristão (17,2). Mas agora a antiga serpente, o sedutor de todo o mundo está derrotado (12,9; 20,2). Chegou o tempo no qual se cumpre a canção dos redimidos: *Todas as nações virão e adorarão diante de ti* (15,4).

Ora, tudo isso indica o reino de Cristo na terra, mas também é igualmente verdadeiro para o reino de Deus e do Cordeiro na ordem transcendente da nova criação. Daí deriva o encorajamento que esta expectativa poderia dar aos leitores/ouvintes do livro e sua pertinência em relação à situação deles não deve ser desdenhada: os oponentes da comunidade, cuja hostilidade cresce em proporções assassinas, devem oferecer a Deus o tributo de sua adoração. A cidade que uma vez ofereceu suas riquezas à cidade do anticristo, em vez disso as oferecerá à cidade de Deus e do Cordeiro (21,24.26), o que implica na santificação total da ordem criada e dos seus produtos.

Na continuação da descrição desta parte da visão é feita também uma importante afirmação: *Nenhum impuro entrará nela, pois a cidade é um santuário por causa da presença de Deus e do Cordeiro, inscritos no livro da vida do Cordeiro* (21,27; veja Isaías 52,1). Os cidadãos da nova Jerusalém são “os que vencem” (21,7). São chamados “filhos”, “servos” e trazem o nome do Cordeiro na sua frente. O seu relacionamento com Deus é descrito com a linguagem da aliança de Deus com Israel (21,27; Levítico 26,11-12; Êxodo 29,45; Jeremias 31,33; Zacarias 8,3.8; 10,1; Ezequiel 37,26-27; 43,7) e da tradição da aliança davídica (Apocalipse 1,6; 2,18; Salmo 2,7b).

Mas o livro especifica também os que são excluídos. São os covardes, os incrédulos, os abomináveis, os assassinos, os impuros, os feiticeiros, os idólatras, os mentirosos (21,8.27; 22,15), que são lançados à segunda morte (21,8). Em 22,3 a maldição é também excluída. Ainda mais, o uso em 21,27 de “toda impureza”, uma expressão que muitas vezes denota impureza ritual, é uma indicação da natureza cônica da nova Jerusalém como templo (1 Macabeus 1,47.62; 2 Macabeus 7,6; Mateus 15,11.18.20; Marcos 7,15.18.20). Em 11QT45-47 as regras de pureza aplicadas aos que entram no templo são também aplicadas aos que entram na cidade, indicando uma preocupação com a exclusão do impuro da nova cidade e do templo. Salmos de Salomão afirma que o Messias “terá nações gentílicas para servi-lo” e “purificará Jerusalém e a fará santa como foi no começo”. Pelo menos nessa tradição, a purificação está associada aos tributos da nações.

Concluindo esta parte, podemos destacar que a descrição da nova Jerusalém apresenta fortes semelhanças com tradições encontradas nas tradições bíblicas para retratar o templo purificado da era apocalíptica, ou com textos apocalípticos que retratam uma nova realidade que seguiria o fim da história. Não temos referências ao povo judaico como uma entidade nacional e o templo foi substituído por Deus e pelo Cordeiro, numa clara indicação de que as instituições religiosas se tornaram obsoletas. As imagens cidade, templo e nova criação sofreram uma mudança, passando de uma expectativa apocalíptica baseada numa realidade centralizada numa nação (embora com um componente universalista), para uma expectativa universalista não mais baseada numa nação, mas derivada da experiência cristã e com abertura a todos os povos.

### **A nova Jerusalém como paraíso**

Apocalipse 21,9-27 descreve a beleza visível da nova Jerusalém como morada de Deus. Apocalipse 22,1-5, por sua vez, não só identifica a nova Jerusalém com a nova criação mas também com o paraíso, o paraíso reconstruído (21,15.23.27; 22,3.5). A nova Jerusalém se converte no paraíso, o lugar onde se realiza integralmente a comunicação entre Deus e os seres humanos, dos seres humanos entre si e com a natureza. Trata-se não de um retorno nostálgico ao paraíso perdido, mas de um paraíso novo, definitivo, no qual a vida divina flui abundantemente como um rio, fazendo germinar toda a criação (Zacarias 14,8).

Os motivos literários-teológicos do Gênesis enriquecidos pela tradição profética constituem fundamentalmente o ponto de partida para a formulação desta mensagem teológica (Gênesis 2,10; Ezequiel 47,1-12). A cidade santa está ligada à história da criação no Gênesis e à árvore da vida. A palavra chave é vida. É a fonte de onde brota o trono de Deus e do Cordeiro. Deus e o Cordeiro são os ocupantes do trono, e são igualmente os doadores da vida.

A semelhança entre Ezequiel 47,1-12, que associa a criação com a restauração, e Apocalipse 22,1-5 fica evidente: um rio flui através da cidade, com árvores nas margens, levando vida por onde passa (Gênesis 2,9-10; Salmos 46,4; 2 Esdras 7,53; 8,52; Enoque 25,2): A literatura Tanaítica e do período do Segundo Templo associa o paraíso com a cidade apocalíptica: da mesma forma que a terra vai retornar ao estado do caos primordial, a nova Jerusalém está ligada não simplesmente à nova criação, mas ao próprio paraíso (2 Apocalipse Baruque 4,1-7; 1 Enoque 90,33-36).

*Os santos descansarão no Éden, os justos se alegrarão com a nova Jerusalém que subsistirá para a glória de Deus* (Testamento de Daniel 5,12-13;

Em outra parte é dito que “o paraíso está aberto, a árvore da vida está plantada, a era por vir está preparada, a fartura é providenciada, a cidade está construída, o descanso é indicado, a bondade é estabelecida e a sabedoria aperfeiçoada de antemão” (4 Esdras 8,52). E um anônimo *baraita* declara que “no mundo por vir, água viva fluirá de Jerusalém para a casa de Davi e para os que moram em Jerusalém” (j. Shek. 50 a).

Na continuação da descrição encontramos a expressão “não haverá maldição

na cidade”, o que neste contexto indica o reverso de Gênesis 3. Deus e o Cordeiro lá habitam com sua soberania e glória manifesta e a sua vontade é reconhecida em todo lugar. Ainda mais, os seus servos lhe oferecerão culto, verão o seu rosto (não há temor, como Adão que fugia da presença de Deus (Gênesis 3,8-11) -, o seu nome estará inscrito nas suas fronteiras - como povo de Deus foram selados na fronte no tempo da tribulação como sinal de que pertencem a Deus (Apocalipse 7,3) - e reinarão para sempre.

A cidade/templo está associada à nova criação. A destruição cósmica ocorreu, a velha ordem passou e o mar, que representa as forças míticas do caos - a besta de 13,1-8 surge do mar-, já não mais existe (Apocalipse 21,1-2). Assim, a vitória final requer a eliminação do mar como símbolo do caos e destruição, a origem da oposição a Deus. Assunção de Moisés 10,6 fala que “quando chegar o reino de Deus, ocorrerá uma catástrofe cósmica e o mar se retirará para dentro do abismo”. Segundo os Oráculos Sibílicos, no tempo do levante escatológico final “o mar secará” (5,447). Além das referências ao mar primordial, na literatura apocalíptica encontramos também várias descrições da nova criação. Nestes livros está pressuposta a necessidade de uma destruição da velha ordem, antes que a nova criação seja estabelecida. IV Esdras 7,30 mostra que antes da ressurreição e julgamento “o mundo retornará ao silêncio primordial por sete dias, como era na primeira criação, assim também nada será deixado”. O mundo afunda no “abismo profundo” (I Enoque 83,3).

Por essa razão, estes textos não só refletem uma destruição cósmica anterior à restauração da terra, como também afirmam que a terra será gradualmente transformada e o santuário restabelecido. A destruição será seguida por uma nova criação e um renovado acesso à presença de Deus. A ausência do templo na Jerusalém apocalíptica indica que tanto para João como para seus contemporâneos a destruição cósmica seria seguida por uma nova criação e também por uma nova forma de encontro com o divino.

A seção da nova Jerusalém termina em 22,6-9, de forma semelhante a 19,9-10 - que encerra a seção da Babilônia -, contudo, apresenta uma nova dimensão da visão. Em primeiro lugar, apresenta uma bem-aventurança: *Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro* (22,7). São palavras que devem ser guardadas. Há uma ordem para obedecê-las. Em seguida ouvimos o que realmente significa guardar as palavras: adora a Deus. Nem o anjo ou o profeta devem ser adorados. Quando os leitores/ouvintes obedecem a esta ordem, eles se tornam eles de uma cadeia, colegas dos profetas e dos anjos. Assim, no próprio fim, o propósito de toda a profecia torna-se claro: não alimentar a curiosidade dos leitores sobre eventos futuros ou provocar especulações sobre segredos celestiais. Simplesmente a ordem: adora a Deus. João tem sua própria chave para entender a visão. Assim como outros profetas cristãos primitivos ele reconheceu que a sua vocação tinha como objetivo a orientação pastoral - avisos, promessas, exortações, encorajamentos. Nenhuma das visões da vinda de Cristo tiraram-no daquela tarefa, mas foram vistas por ele como uma forma de cumprí-la.

## O significado da nova Jerusalém

O estudo do contexto literário do Apocalipse de João nos mostrou que o livro apresenta o julgamento da Babilônia, que consiste em sua completa eliminação, e no surgimento simultâneo da nova Jerusalém. A sétima taça, que assinala o ponto de partida para descrever este momento decisivo do juízo de Deus, tem um aspecto negativo na destruição da Babilônia e de todos os inimigos escatológicos, mas também o seu correlativo positivo no advento da nova criação, da nova Jerusalém. A Babilônia é o ápice do juízo de Deus e o oposto da nova Jerusalém, que é a grande utopia, a esperança escatológica das suas comunidades do Apocalipse.

26

A nova Jerusalém como esperança escatológica surge por ocasião da destruição da Jerusalém histórica pelos babilônios, em 587 a.C. Neste momento o pensamento dirigiu-se para o futuro, para uma nova Jerusalém que estava num tempo distante e que não teria as fraquezas da cidade que havia sido destruída. Essa esperança ressurgiu principalmente no período do segundo templo, sob a influência da crise política e da dominação estrangeira. Neste contexto a nova Jerusalém, a culminante vitória do livro, ganhou um novo significado, passando a descrever uma nova realidade que Deus criaria num tempo além da história.

É uma visão enraizada nas tradições em torno de uma cidade terrena e um templo histórico, que estavam ligados à consciência mítica de Israel. Por isso, a maneira como o Apocalipse apresenta a nova Jerusalém indica que ela não significa simplesmente uma cidade histórica, mas uma comunidade universal, o acesso à presença de Deus, à vida eterna e a vitória última sobre o caos.

As imagens usadas para descrever a nova Jerusalém, extraídas das tradições proféticas e da literatura apocalíptica, articulam a esperança das suas comunidades na realidade escatológica. Estas imagens de esperança estão marcadas pela forma como João e as comunidades experimentam a realidade. Experimentam-na de forma tão agressiva que há necessidade de uma interrupção do mundo e da própria história - uma ruptura com a continuidade da história presente experimentada pelas comunidades. Este sonho consiste não em uma transferência para o céu, nem tampouco com o sair da terra. Espera-se o novo, que é algo onde elementos da nova criação perpassam a antiga. O antigo não é origem, mas contrapõe-se, e, do céu, criada novamente, vem a nova Jerusalém.

Por essa razão, a descrição desta nova realidade como a nova Jerusalém infere continuidade com o passado da promessa profética, em face da ruptura representada pela destruição de todos os inimigos escatológicos (19,11-20,15). A relação entre a redenção futura e a história social concreta do passado não está dissolvida. Temos aqui uma perspectiva escatológica que, nos seus aspectos principais, continuou ou reapropriou-se da tradição da apocalíptica judaica em seu realismo cósmico-social, ao mesmo tempo que reconheceu a ação criadora de Deus inseparavelmente relacionada a este realismo. A novidade que Deus estava fazendo, tinha feito e faria não era descontínua, mas poderia ser entendida em termos das imagens do passado e da experiência de vida da qual aquelas imagens foram tiradas.

Há uma aposta na fidelidade do Deus que promete e persiste na continuidade das esperanças, na certeza da intervenção divina e na expectativa da destruição da história da desgraça. A nova criação ocorrerá somente após a destruição cósmica, uma



destruição que tornou-se necessária pois a ordem tornou-se desordem na experiência de vida das comunidades. Como na primeira criação, o poder do caos precisa ser submetido para que a nova criação seja estabelecida. Esta é uma maneira de dizer que reafirma às comunidades a certeza da vitória última sobre o caos, a qual não só cumpre como ultrapassa a primeira ordem das coisas.

Por essa razão é que, seguindo a batalha final, o aparecimento da nova Jerusalém como templo e paraíso representa a restauração e a confirmação da ordem. Esta restauração e reordenação ocorrem não só como cumprimento das promessas feitas às igrejas (Apocalipse 2-3), mas também em continuidade às promessas proféticas e à tradição.

Isso fica claro se compararmos a descrição da nova Jerusalém e a mensagem às sete igrejas em Apocalipse 2-3. Na carta à igreja de Esmirna, João dirige-se àqueles que experimentam a “blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo antes sinagoga de satanás”(2,9). Na mensagem à igreja de Filadélfia, ele também fala “dos que são da sinagoga de satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus, e não são, mas mentem” (3,9). Ao vencedor, entretanto, é feita a promessa: “Fa-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome” (3,12). As promessas feitas às igrejas são cumpridas em Apocalipse 21-22. Os vencedores são aqueles que se alegram com a nova criação. Eles entram na cidade.

O esquema seguinte indica a comparação entre o cumprimento das promessas feitas às igrejas e o seu cumprimento na descrição da nova Jerusalém:

<b>Apocalipse 2,1-3,22</b>	<b>Apocalipse 21,1-22,5</b>
O vencedor comerá da árvore da vida (2,7)	A árvore da vida produz fruto e remédio para a cura das nações (22,2)
O vencedor não sofrerá dano da segunda morte (2,11)	O vencedor beberá da fonte da água da vida, enquanto os covardes e traidores receberão a segunda morte (21,8)
O vencedor receberá uma pedra com um novo nome (2,17; 3,12)	Os servos receberão um nome nas suas frentes (22,4)
O vencedor terá autoridade sobre as nações (2,26)	Os servos governarão para sempre (22,5)
O vencedor será reconhecido na presença do Pai (3,5)	O vencedor é proclamado filho de Deus (21,7)
O vencedor é feito uma coluna no templo, inscrito com o nome de Deus e aqueles da nova Jerusalém que desce de Deus (3,12)	A nova Jerusalém desce do céu da parte de Deus (21,1-5.10) e é o lugar da habitação de Deus (21,9-27)

Fonte: DEUTSCH, Celia, “Transformations of Symbols. The New Jerusalem in Revelation 21,1-22,5”. In: *Zeitschrift für die neutestamentlich Wissenschaft* 78, 1987, p.124.

Não podemos esquecer que os apocalipses foram escritos em tempos de crise e/ou perseguição, oferecendo às comunidades esperança para transcender o sofrimento e a morte, assegurando-lhes que a morte não é o “fim de toda a esperança humana por justiça e retribuição”. Nesse sentido, o Apocalipse de João apresenta uma forma de resolver o caos experimentado pelas comunidades como resultado do conflito entre o que está acontecendo e o que deveria ser, e entre o seu próprio entendimento de como Deus protege os que são fiéis em suas experiências de opressão e de tensão interna.

28

A nova Jerusalém indica uma nova ordem da realidade. É uma visão de esperança que permitiria às comunidades enfrentar a oposição externa ocasionada pela prática local do culto imperial, o conflito com a comunidade judaica não messiânica, bem como a tensão interna surgida da tentação de se acomodar à cultura dominante. A nova Jerusalém, como esperança escatológica, é a antítese da Babilônia que recebeu o juízo de Deus. O livro usa a nova Jerusalém como símbolo para sua expectativa escatológica porque ela é uma cidade, podendo dessa forma ser contraposta a outra cidade, Babilônia, que no Apocalipse refere-se ao poder imperial romano. Para aqueles que estavam sendo oprimidos pela Babilônia, o livro oferece a esperança de uma nova Jerusalém que governará como centro de um novo céu e de uma nova terra.

**José Adriano Filho**, presbiteriano, é doutorando em Ciências da Religião e integra a equipe de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

Endereço: Rua Paula Ney, 381 - Ap. 07  
04107-021 São Paulo SP

## BIBLIOGRAFIA

Vários autores(as) foram fonte na elaboração deste estudo. Apresentamos aqui alguns textos que foram de grande importância, e que servem de sugestão para o aprofundamento no estudo não só desta parte do Apocalipse, mas de todo ele.

COLINS, A.Y., *Crisis and Catarsis. The Power of the Apocalypse*. Philadelphia, Fortress Press, 1984.

DEUTSCH, Celia, "Transformations of Symbols. The New Jerusalem in Revelation 21,1-22,5". In: *Zeitschrift für die neutestamentlich Wissenschaft* 78, 1987, p.106-126.

ELIADE, Mircea, *Mito e Realidade*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1983.

MESTERS, Carlos, *Esperança de um povo que luta. O Apocalipse de São João*. São Paulo, Edições Paulinas, 1983.

SEVERINO CROATTO, José, "Apocalíptica e esperança dos oprimidos (contexto político e cultural do gênero apocalíptico)". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* 7, 1990/3, p.8-21.

STAM, Juan, "Apocalipsis e el Imperialismo Romano". In: *Lectura Teológica del Tiempo Latino-Americano*. Seminário Bíblico Latino-Americano. 1979, p.27-60.

THOMPSON, L., "A Sociological Analysis of Tribulation in the Apocalypse of John". In: *Semeia* 36, 1986, p.146-174.

WENGST, Klaus, *Pax Romana. Pretensão e Realidade*. São Paulo, Edições Paulinas, 1991.

WILDER, A.N., "Eschatological Imagery". In: *New Testament Studies* 5, 1958, p.229-245.

## NÚMEROS ANTERIORES

30

1. **"Os ninivitas creram em Deus"** - Milton Schwantes
2. **Vem, Espírito** - Fábio Laerth Tónello, Mariano Marchitello, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Paulo Roberto Garcia, Roberto Natal Baptista
3. **Na voz das mulheres** - Jane Falconi F. Vaz, Rosa Marga Rothe, Nancy Cardoso Pereira, Lori Altmann, Rosângela Soares de Oliveira, Tânia Mara Vieira Sampaio, Elza Tamez, Genilma Boehler
4. **Jonas** - Paulo Cesar Botas, Nancy Cardoso Pereira, Roberto Natal Baptista, Dario Geraldo Schaeffer, Sebastião Armando Gameleira Soares, Paulo Roberto Garcia, Rolf Schüenemann, Mariano Marchitello, Zwinglio Mota Dias
5. **"Misericórdia Quero"** - Roberto E. Zwetsch
6. **Mulheres na prática da justiça e da solidariedade** - Ivoni Richter Reimer
7. **História de Israel** - Milton Schwantes
8. **Bíblia e Ecologia** - Paulo Roberto Garcia, Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, Roberto Natal Baptista, Luis Mosconi, Ivo Storniolo, Fernando Bortolletto Filho
9. **Introdução à leitura bíblica** - Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz, Paulo Roberto Garcia, Roberto E. Zwetsch
10. **Interpretação Bíblica na Igreja Oriental Antiga** - Duncan Alexander Reily
11. **Esperança na justiça** - Haroldo Reimer
12. **A leitura bíblica por meio do Método Sociológico** - Uwe Wegner
13. **O julgamento da Babilônia** - José Adriano Filho
14. **O que importa é fazer caminho...** - Paulo Augusto de Souza Nogueira, Pedro Lima Vasconcellos, Luis Eduardo Torres Bedoya, Mercedes Brancher, João Cesário Leonel Ferreira
15. **Bíblia e Ecumenismo** - Milton Schwantes, Ágabo Borges-de Souza, Maurício Waldman, Vilson Caetano de Sousa Júnior, Carlos Mesters, Paulo Augusto de Souza Nogueira
16. **Mulheres... experiências de uma caminhada** - Ana Claudia Figueroa, Wanda Deifelt, Maria Luiza Rückert, Jane Falconi F. Vaz, Nancy Cardoso Pereira
17. **Bíblia e Negritude: caminhos de aproximação** - Vilson Caetano de Sousa Júnior, Heitor Frisotti, Marcos Rodrigues da Silva
18. **Uma mulher com deficiência luta contra a morte social** - Vera Maria Immich
19. **"E lhes falava em parábolas"** - Pedro Lima Vasconcelos
20. **A força da solidariedade - O livro de Rute** - Maricel Mena López.
- 21-22. **As crianças e seus algozes herem, 'olah e exploração: sacrifício de crianças em Israel e na atualidade** - Vera Cristina Weissheimer

**Pedidos para: KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço**  
Alameda Barros, 833 / 102 Santa Cecília  
01232-001 São Paulo SP

Rua Santo Amaro, 129 Glória  
22211-230 Rio de Janeiro RJ